

SOBRE A ATUALIDADE DA BIBLIOTECONOMIA

A *Atualidade da Biblioteconomia*, que se inaugura neste número de *PontodeAcesso*, pretende ser um espaço de reflexão e rememoração acerca dos personagens, fatos, feitos e saberes que vêm construindo, ao longo da história, a Biblioteconomia.

Ela integra, ao lado da Documentação e da Ciência da Informação, uma “cadeia genética” cuja origem está na invenção da escrita. Etimologicamente, está associada à entidade biblioteca e também ao livro, sua matéria-prima, do mesmo modo que a Documentação está relacionada a documentos de qualquer natureza e a Ciência da Informação, ao estudo do fenômeno informação.

Fonte de polêmica quanto ao seu **objeto de estudo**, as discussões sobre a Biblioteconomia circundam também suas afinidades e divergências com a Documentação e a Ciência da Informação. Numa tentativa de distinguir esses três campos da informação registrada, adotam-se, segundo o contexto, terminologias diferentes para referir-se aos seus alicerces comuns, tanto teóricos como aplicados.

Seu caráter prático, técnico, derivado do seu fazer, se por um lado pode levar a uma visão tecnicista do seu escopo, por outro – sua própria natureza – possibilita sua extrapolação para o campo humanístico. A Biblioteconomia se desdobra em e se traveste de novas áreas por meio de neologismos representativos das ferramentas tecnológicas adotadas e das conexões com outras esferas do conhecimento. Pode-se considerar que isto a areja e enriquece com novas técnicas e tecnologias, mas também parece que empana sua história *de toda la vida* de guardião e arauto do conhecimento humano.

Paradoxalmente, ante o iminente fim do livro com o advento das tecnologias telemáticas, vaticinado por correntes de tendência derrotista, foi a internet quem deu uma nova roupagem à Biblioteconomia. Sua materialização – a biblioteca – se reveste de adjetivos – como virtual, digital, eletrônica – que denotam modernidade, contemporaneidade, atualidade dos discursos ouvidos e lidos nos mais diversos ambientes. Assim, a biblioteca cheirando a mofo, num país como o Brasil – que passou da oralidade para o meio imagético sem tempo de desenvolver uma cultura letrada –, recupera seu significado mais nobre. Passa, até, a ser quase um lugar-comum, tanto nos meios públicos, como privados e particulares: toda gente, hoje, fala em biblioteca – mas desta biblioteca pós-internet, sem paredes, limpa. No entanto, a biblioteca indigente ainda é uma desconhecida, ainda requer uma atenção especial para ser alavancada do meio rudimentar onde se encontra, ou mesmo para ser criada em muitos rincões brasileiros.

Como **campo profissional**, a Biblioteconomia reúne técnicas de organização e gestão de bibliotecas que começaram, rudimentarmente, em Uruk (atual Iraque), há cerca de 3.300 anos, e vêm até as soluções eletrônicas mais sofisticadas dos dias atuais. Mas não só. Inspirada nas suas funções precípuas de todos os tempos – organizar, registrar, preservar e disseminar –, hoje ela vai mais além: tanto protegendo a cultura dos povos, quanto denunciando os crimes cometidos contra ela, na sua condição de guardião da memória coletiva da humanidade.

Do **ponto de vista cultural**, a Biblioteconomia é um campo do saber que atravessa diversas áreas e ciências – alimentando-as e sendo por elas alimentada –, na medida em que atua como repositório difusor do saber produzido.

Sobre Biblioteconomia, Bibliotecas, Livros, Leitores e Leitura

Tout, au monde, existe pour aboutir à un livre. (Stéphane Mallarmé, 1895).

Isso é a grandeza admirável da biblioteconomia! Ela torna perfeitamente acháveis os livros como os seres, e alimpa a escolha dos estudiosos de toda suja confusão. Este o seu mérito grave e primeiro. (Mário de Andrade, 1937).

*Yo, que me figuraba el Paraíso
Bajo la especie de una biblioteca.* (Jorge Luís Borges, 1960).

Que otros se jacten de las páginas que han escrito; a mí me enorgullecen las que he leído. (Jorge Luís Borges, 1969).

*Um dia veio uma peste e acabou com
Toda a vida na face da Terra:
Em compensação ficaram as Bibliotecas...
E nelas estava meticulosamente escrito
o nome de todas as coisas!* (Mário Quintana, 1989).

Biblion se traduz como livros e *théke* como depósito [...]. Uma biblioteca é um lugar de conservar livros efetivamente, mas não um depósito. A etimologia crua tira o brilho da formação de toda a biblioteca [...]. Um depósito de emoções seria a verdadeira etimologia para biblioteca, ou melhor, um lugar de incontáveis emoções. (Fernando da Rocha Peres, 1994).

A biblioteca é um lugar, uma instituição. É o cruzamento paradoxal de um projeto utópico (fazer coexistir num mesmo espaço todos os vestígios do pensamento humano confiados à escrita) com as restrições técnicas, ergonômicas, políticas de conservação, de seleção, de classificação e de comunicação dos textos, das imagens e, hoje, dos sons. É também, e simultaneamente, um desígnio intelectual, um projeto, um conceito imaterial que dá sentido e profundidade às práticas de leitura, de escrita e de interpretação. Enfim, é uma coleção de livros, o efeito resultante de sua justaposição e interação: uma biblioteca não é necessariamente um edifício, como nos mostram as estantes de Alexandria ou os provedores informáticos que transmitem hoje, à distância, livros ou artigos digitalizados.

Por sua arquitetura, definição do seu público, princípios que ordenam suas coleções, pelas opções tecnológicas que determinam a acessibilidade e a materialidade dos textos, assim como pela visibilidade das escolhas intelectuais que organizam sua classificação, toda biblioteca dissimula uma concepção implícita da cultura, do saber e da memória, bem como da função que lhes cabe na sociedade de seu tempo. (Christian Jacob, 1996).

[...] hay bibliotecarios con ese ánimo tan inclinado a introducir una discusión que va más allá del campo de la especialización como tal. Más allá de la tecnificación, este es un oficio que demanda un humanismo profundo¹. (Fernando Báez, 2006).

Sobre os Autores e seus Escritos

*Biblioteconomia e compromisso social é o tema trazido por **Maria Jesús Morillo Calero**, visto pelo foco da sua “essência de serviço público para a cidadania”, atualmente ameaçada por uma pseudoneutralidade ideológica que, na verdade, privilegia os já privilegiados.*

A autora espanhola é licenciada em História da Arte e especialista em Documentação Pedagógica. Atuou em diferentes bibliotecas, entre elas na da Universidad de La Coruña e da Universidad de Córdoba. Funcionária de carreira do Ministério de Cultura desde 2000, atualmente atua na Biblioteca Nacional da Espanha, fundamentalmente em indexação e classificação. Nesta instituição, foi chefe da Seção de Classificação de Ciência e Tecnologia e atualmente chefia a Seção de Autoridades de Assunto. Tem ministrado cursos para bibliotecários em diversos organismos, como o Instituto Vasco de Administración Pública, o Instituto Canario de Administración Pública, a Biblioteca Regional de Madrid, a Universidade de Castilla La Mancha e a Biblioteca Nacional. É co-autora do livro *Información, conocimiento y bibliotecas en el marco de la globalización neoliberal* (Trea, 2005), assim como coordenadora e co-autora do livro *De volcanes llena: biblioteca y compromiso social* (Trea, 2007).

*Dentro do mesmo espectro de preocupação, **Pedro López López** aborda a questão da cidadania e do compromisso social, como elementos necessários à formação do bibliotecário, para fazer frente à pressão mercantilista exercida pelo mundo empresarial.*

Doutor em Psicologia pela Universidad Nacional de Educación a Distancia, licenciado em Filosofía e Letras pela Universidad Autónoma de Madrid e em Ciências Políticas e Sociología, pela Universidad Complutense de Madrid, o autor tem Diploma de Estudos Avançados do programa de doutorado em Ciências da Comunicação e Sociologia, deste mesma Universidade. Pedro López é também expert em Direitos Humanos, área em que milita através de diversas organizações. Em sua trajetória profissional, foi responsável pelo serviço de documentação do Colegio Oficial de Psicólogos (seção de Madrid, 1988-1993). É professor titular da Faculdade de Ciências da Documentação da Universidad Complutense de Madrid desde 2001. Foi chefe do Servicio Regional del Libro, Archivos y Bibliotecas da Consejería de Cultura de Castilla-La Mancha (2006-2007) e Diretor da Escuela Universitaria de Biblioteconomía y Documentación (2002-2005). Em sua produção, aparece como co-autor de Inmaculada Velloso, do livro *Educación para la ciudadanía y biblioteca escolar* (Trea, no prelo), como coordenador, junto a Javier Gimeno, do livro *Información, conocimiento y bibliotecas en el marco de la globalización neoliberal* (Trea, 2005); também figura como coordenador, junto a

¹ O tema a que se refere o autor é a destruição de livros.

Javier Gimeno e María Jesús Morillo, do livro *De volcanes llena: biblioteca y compromiso social* (Trea, 2007). É autor do livro *Introducción a la bibliometría*, bem como de vários capítulos de livro e de muitos artigos publicados em revistas científicas, sobre Psicologia, Documentação, Bibliometria, Sociologia, Educação e Direitos Humanos. Tem colaborações na imprensa, é coordenador do Seminario de Proyección Social do programa Universidad para los Mayores da Universidad Complutense e também atua como vice-presidente da Asociación Pro Derechos Humanos de España (2002-2004). É membro da equipe de Educación en Derechos Humanos da seção espanhola da Anistia Internacional (desde 2002), bem como da Junta Rectora de Attac-Madrid (2004).

Ainda no cenário da globalização e das políticas neoliberais, Carlos García-Romeral Pérez descortina a cisão entre aqueles que “se encontram na Rede e os que não podem acceder nem às tecnologias, nem ao conhecimento que esta contém”. Em contraposição, comenta acerca dos mecanismos de que dispõe a biblioteca pública para enfrentar esse desafio social, tornando-se o que ele chama de “biblioteca líquida”, isto é, a que se amolda de forma inovadora às atuais demandas interculturais, influenciando na oferta de novos serviços e produtos, bem como nas políticas de formação dos bibliotecários como agentes culturais.

O autor é bibliógrafo, especialista em Literatura de Viagens e em Terminologia, é bibliotecário da Comunidad Autónoma de Madrid, doutor em Literatura Hispânica pela Universidad Complutense de Madrid, tendo sido professor associado da Universidad Carlos III de Madrid e ministrado numerosos cursos na área de Biblioteconomia (gestão de bibliotecas, gestão de coleções, elaboração de guias de leitura, entre outros).

José Antonio Gómez Hernández discorre em seu artigo acerca de algumas tecnologias participativas da web social – como os blogs, os wikis e as redes sociais – que possibilitam a aquisição de competências informacionais. Por outro lado, mostra como elas influem ou modificam as práticas e princípios bibliotecários, situação ante a qual é necessária, a seu ver, uma “atitude ao mesmo tempo ativa e reflexiva”, de modo que tanto bibliotecários como bibliotecas exerçam um papel “de formação, participação, inter-relação e acompanhamento dos usuários [...]”.

Doutor em Filosofia Pura, licenciado em História Contemporânea, Gómez Hernández começou como bibliotecário na Universidad de Murcia em 1984. Desde 1988 é professor de Biblioteconomia na mesma Universidade. Suas linhas de pesquisa e suas publicações se inserem no campo da gestão de bibliotecas, marketing, serviços bibliotecários, bibliotecas escolares e universitárias, e alfabetização informacional. Sobre este tema, criou o blog Alfin, atualmente alojado no *Foro de promoción de la alfabetización informacional, Alfinred*. É membro do *Jurado del Premio Internacional de Marketing* da IFLA e de comitês científicos de congressos e revistas como a *Library Review*, *RED* e *Anales de Documentación*. Foi decano da Facultad de Ciencias de la Documentación (1996-2000), coordenador de *Proyección Cultural* (2001-2006), e atualmente é diretor da Editorial de la Universidad de Murcia (Editum). Sites citados: <http://www.editum.es/> e <http://www.alfinred.org/blog/>

Como mais um elemento da rede que vai sendo tecida para compor a Atualidade da

Biblioteconomia, Miguel Ángel Marzal García-Quismondo, em oposição a um preconceito corrente que recai sobre o CRAI ante a biblioteca, analisa essa modalidade de serviço como uma “estratégia necessária ao modelo educativo da sociedade do conhecimento e à dimensão oferecida pela web 2.0” para a aprendizagem. A visão do autor sobre esse novo recurso pedagógico inclui também elementos referentes à transformação da biblioteca digital em CRAI, ao desenvolvimento do CRAI na Espanha, bem como ao seu aspecto revolucionário nos processos de alfabetização informacional.

Miguel Ángel Marzal é doutor em História, arquivista e professor titular do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Universidad Carlos III de Madrid. Paralelamente a pesquisas e publicações no campo histórico, centra sua atividade profissional publicando e pesquisando em três vertentes: bibliotecas escolares; análise documental de conteúdo e organização do conhecimento em Educação; análise de conteúdo para CRAI, metadados, topic maps e desenho de novo thesaurus com verbos. Ademais, dirige vários projetos com as Universidades de Bangor, Dundee, Middlesex e Wrexham (UK) e o IUT René Descartes da Université Paris V. É professor em diversos cursos de especialização, participa de congressos internacionais, bem como publica regularmente na sua esfera de interesse.

Como resultado de questionamentos acerca das características da sociedade da informação, Ricardo Triska define as categorias que a compõem, ampliando o conceito sobre ela e enfatizando a relação entre comunicação e informação. Inclui também um estudo sobre o Programa de Aceleração do Conhecimento face aos investimentos em educação, culminando com “uma contextualização do que se entende por gestão do conhecimento e da perspectiva da ação profissional em se tratando de informação”.

A formação acadêmica de Ricardo Triska se inicia com uma graduação em Ciência da Computação pela Universidade Federal de Santa Catarina (1984), mestrado em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1993) e chega ao doutorado em Engenharia de Produção (área de concentração Ergonomia) pela Universidade Federal de Santa Catarina (2001). É professor adjunto 3 desta mesma Universidade, lotado no Departamento de Expressão Gráfica. Coordena o Programa de Pós-graduação em Design e Expressão Gráfica (em nível de mestrado). Desenvolveu projetos na área de Ciência da Informação, com ênfase no processo de Transferência da Informação, atuando nas áreas de planejamento de produtos, serviços e sistemas de informação; gestão do conhecimento; aprendizagem organizacional; automação de bibliotecas e bibliotecas digitais. Seus projetos atuais se concentram em Linguagem Subliminar e no Design da Informação.

Carlos Henrique Marcondes e Maria Luiza de Almeida Campos, em seu artigo, identificam “possíveis áreas de atuação para a Ciência da Informação”, especialmente a construção de ontologias, discutindo o atual projeto Web Semântica, em perspectiva retrospectiva e prospectiva.

Professor do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense, Marcondes é doutor em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e IBICT e é pesquisador do CNPq, tendo como área de interesse: comunicação científica digital, modelagem do conhecimento científico, ontologias, processamento semântico de informações por computadores.

Maria Luiza Campos, professora no mesmo Departamento, doutorou-se em Ciência da Informação pela UFRJ/IBICT, é pesquisadora do CNPq, atuando na área de representação e recuperação de informação, linguagens documentárias, ontologia, taxonomia e compatibilização de linguagens.

Perpassando as diferentes abordagens aqui apresentadas dentro do espectro da Atualidade da Biblioteconomia, José Augusto Guimarães e colaboradores em seu artigo tratam dos aspectos teóricos da ética em diferentes contextos profissionais, mostrando seu “significativo crescimento” especialmente na Ciência da Informação, ante o desenvolvimento das TIC. Os autores relacionam ética e moral, sob o ponto de vista histórico e da aplicação profissional, até alcançar a “ética nas atividades informativas” e suas implicações.

Bacharel em Biblioteconomia pela Unesp, mestre e doutor em Ciência da Informação pela USP, pesquisador do CNPq e livre-docente em Análise documentária pela Unesp, José Augusto Guimarães é professor do Departamento de Ciência da Informação da Unesp, atuando nos cursos de graduação em Arquivologia e em Biblioteconomia e no mestrado e no doutorado em Ciência da Informação.

Fábio Assis Pinho é bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal de São Carlos, mestre em Ciência da Informação pela Unesp e doutorando em Ciência da Informação pela mesma instituição. No campo profissional, atualmente é Chefe da Seção de Referência da Biblioteca da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias da Unesp, no campus de Jaboticabal.

Suellen Oliveira Milani é também bacharel em Biblioteconomia e mestranda em Ciência da Informação pela Unesp. Como pesquisadora, é bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

Juan Carlos Fernández-Molina tem graduação em Biblioteconomia e doutorado em Documentação pela Universidade de Granada, onde atua como docente do Departamento de Biblioteconomia y Documentación.

A artigo que encerra este número da PontodeAcesso enfoca a biblioteca como uma organização, condição que a alinha às organizações em geral, embora mantendo suas especificidades. Com isto, pretende evidenciar que ao absorver, ao longo do tempo, os princípios, técnicas e práticas da Administração, a Biblioteconomia não só incorpora esse corpus teórico, como faz com que as bibliotecas passem a implementar, de modo consciente e eficaz, os processos administrativos previstos na Teoria Geral da Administração, quais sejam, o planejamento, a organização, a direção e o controle. Dentro deste enfoque, este artigo traz um modelo teórico para a avaliação da

biblioteca universitária brasileira, como resultado de pesquisa desenvolvida num determinado contexto histórico, cultural e político, que levou à análise dos instrumentos adotados pelo INEP para avaliação da biblioteca acadêmica, no contexto da avaliação dos cursos de graduação das IES. A referida pesquisa foi enriquecida com um estudo comparativo entre a realidade de alguns países ibero-americanos e o Brasil. Então, ao confirmar-se a hipótese de que o INEP não contava com uma metodologia específica para avaliar a biblioteca universitária, nem com instrumentos reveladores de suas funções para o desempenho dos cursos, o modelo se propôs a integrar um sistema de avaliação, nas suas três vertentes: (a) constituir-se em uma plataforma para a construção de um sistema de coleta dos dados representativos do funcionamento da biblioteca universitária; (b) possibilitar a construção de um banco de informações gerenciais; e, a partir deste, (c) a criação de um sistema de indicadores e padrões mínimos e ideais para a biblioteca universitária brasileira, tendo em vista o planejamento e a avaliação do seu desempenho.

A autora do modelo acima referido, **Nídia M. L. Lubisco**, é bacharel em Biblioteconomia e Documentação, mestre em Ciência da Informação pela UFBA (2002) e doutora em Documentação pela Universidad Carlos III de Madrid (2007), desempenhando sua atividade como docente e pesquisadora no ICI/UFBA. Sua atividade profissional se dá no entorno teórico e aplicado da gestão de bibliotecas, serviços bibliotecários e também no mundo do livro e da leitura.

Nídia Lubisco, Editor convidado